

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL



Relatório Parcial - Nº 001/2021

**Brasil registra 207 LGBTI+ mortos de Janeiro a Agosto de 2021.
Com 187 Assassinatos e 18 Suicídios.**

O **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil**¹ representa um esforço coletivo de denúncia e sistematização de informações sobre a violência e a violação de direitos sofridas por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e demais dissidências sexuais e de gênero, aqui chamadas de LGBTI+. O Observatório é coordenado pela **Acontece – Arte e Política LGBTI+** e pelo **Grupo Gay da Bahia**, que juntos produzem o **Relatório “Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil”**², publicado todos os anos em versões parciais, com dados de alguns meses específicos do ano, e completa, com informações de um ano inteiro, e que neste ano conta com o apoio financeiro do **Fundo Brasil de Direitos Humanos**. Este Relatório Parcial analisa os **dados referentes ao período de janeiro a agosto de 2021**, levantados até o momento, que subsidiarão a elaboração do Relatório Completo do corrente ano, previsto para ser publicado em março de 2022.

Por não se enquadrarem em um padrão socialmente referenciado na heteronormatividade, na binariedade e na cisnormatividade, pessoas LGBTI+ têm sido vitimadas por diferentes tipos de mortes violentas no Brasil, o que caracteriza o país como extremamente inseguro para essas pessoas. Os dados acumulados nas últimas três décadas apontam para uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Em 1990, ano do primeiro levantamento, foram computadas 153 mortes. Em 2020, último ano com dados completos, foram registrados 237 casos de mortes violentas. Nesse interstício, o ano mais violento foi 2017, quando foram registrados 445 casos³. Em 2021, até o mês de agosto, foram notificadas 207 mortes.

¹ Disponível em: <https://ObservatorioMortesViolentasLGBTIbrasil.org/>.

² Entre 1981 e 2019 os Relatórios foram produzidos pelo GGB, primeiramente como boletins e, posteriormente, como relatórios anuais. Desde 2020 a produção é compartilhada com a Acontece – Arte e Política LGBTI+. Alguns relatórios anteriores podem ser encontrados na página do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, indicada na nota anterior, e no site do Grupo Gay da Bahia: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>.

³ Dados disponíveis no Relatório “Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil” - 2020. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/2020>.



I. Procedimentos metodológicos

As informações que fundamentam este relatório foram coletadas em notícias de jornais publicadas na mídia brasileira e nas redes sociais, que foram sistematizadas conforme as etapas a seguir:

1. Levantamento de notícias: a partir do cadastramento de palavras-chave no *Google Alerts*, como travesti, homossexual, gay, lésbica, transexual, bissexual etc., fez-se uma triagem das notícias recomendadas que correspondem a mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorridas em 2021;
2. Avaliação e discussão: após a seleção das notícias consideradas pertinentes ao levantamento, a equipe avaliou as condições de cada morte e encaminhou os casos para sistematização;
3. Sistematização das mortes: de acordo com a disponibilidade de informações existentes nas notícias, os casos foram organizados conforme o mês de ocorrência, o segmento da população LGBTI+, a cor/raça e a idade das vítimas e a tipificação e o local de ocorrência das mortes, constituindo-se um banco de dados;
4. Mapeamento e outras representações: finalmente, fez-se a representação cartográfica das mortes segundo as informações espaciais disponíveis (município, unidade da federação e região de ocorrência das mortes).



II. Dados Levantados

Até o dia **31 de agosto de 2021** foram documentadas **207 mortes violentas de LGBTI+ no Brasil**. No que diz respeito à quantidade de mortes por mês, a Tabela 1 evidencia poucas variações entre os meses de janeiro e agosto do corrente ano, assim como percebido nos anos anteriores.

Tabela 1 - Brasil: mortes violentas de LGBTI+, entre janeiro e agosto de 2021

Mês / 2021	Número de mortes	Porcentagem
Janeiro	29	14,01 %
Fevereiro	25	12,08 %
Março	24	11,59 %
Abril	35	16,91 %
Mai	23	11,11 %
Junho	27	13,04 %
Julho	21	10,14 %
Agosto	23	11,11 %
Total	207	100,00 %

Fonte: Acontece Arte e Política LGBTI+; Grupo Gay da Bahia;
Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2021.

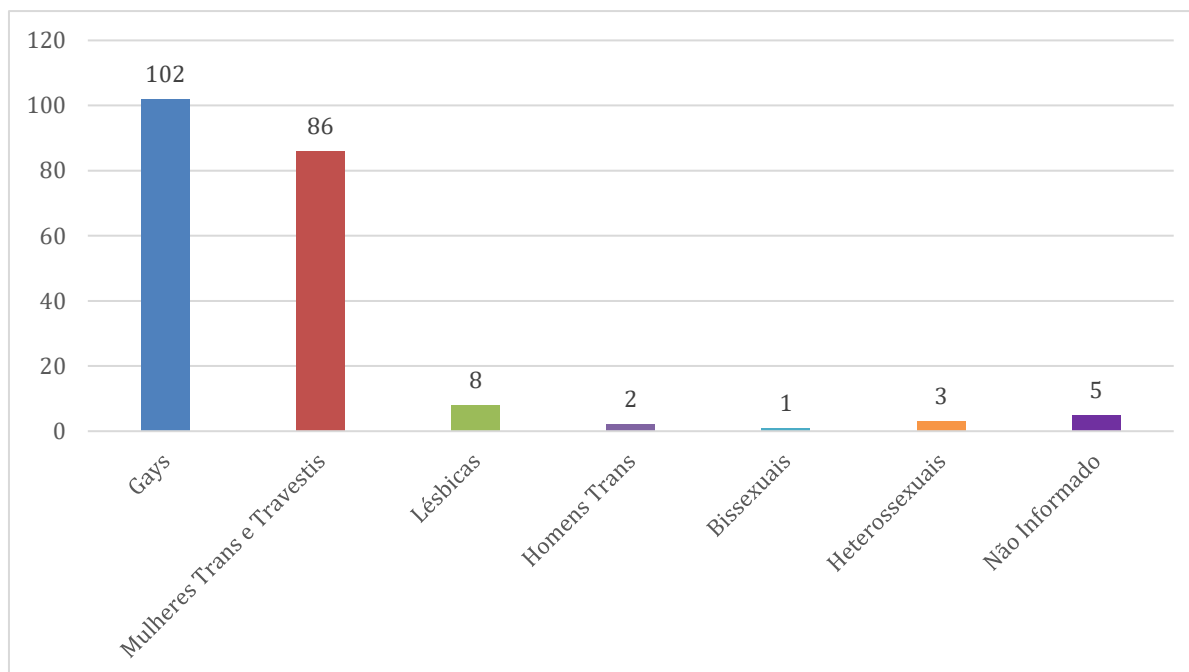
Dentre os segmentos analisados⁴, a população de homens gays foi a que mais sofreu com mortes violentas, representando 49,28% do total (102 mortes), seguida de perto pela população de mulheres trans e travestis, com 41,55% (86 mortes). As mulheres lésbicas representam 3,86% (oito mortes), os homens trans correspondem a 0,97% (duas mortes) e as pessoas bissexuais dizem respeito a 0,48% (uma morte). Há, ainda, cinco pessoas cuja orientação sexual ou identidade de gênero não foram identificadas, representando 2,42% do total⁵, além de três pessoas heterossexuais (1,45%) mortas por serem confundidas com LGBTI+ (Gráfico 1).

⁴ Lembramos que identidade de gênero tem relação com se auto-reconhecer ou não com o sexo/gênero que nos é atribuído pelo poder médico-jurídico ao nascer, de acordo com a nossa genitália, e que a orientação sexual está relacionada com a nossa atração física, sexual ou emocional para com outros. Entendemos que a grande maioria de homens gays, mulheres lésbicas e pessoas bissexuais reportadas aqui no relatório é de pessoas cisgêneras. No entanto, gostaríamos de chamar a atenção à falta de nomeação da cisgeneridade nas reportagens e afins. A cismorma é um conceito que ganha abrangência na literatura acadêmica brasileira na segunda década do século XXI e denota a normalidade que legitima como saudáveis, naturais e verdadeiras apenas as pessoas que se identificam com o sexo que lhes foi designado ao nascimento, sempre assumindo a binariedade homem/mulher. (BONASSI, 2017) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182706/349130.pdf>

⁵ Essas cinco pessoas cometeram suicídio dentro da ala LGBTI+ de presídios, de modo que as notícias não explicitam a orientação sexual ou a identidade de gênero das vítimas.



Gráfico 1 - Brasil: mortes violentas de LGBTI+ por Segmento, entre janeiro e agosto de 2021



Fonte: Acontece Arte e Política LGBTI+; Grupo Gay da Bahia;
Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2021.

Em relação à cor/raça das vítimas, nos casos em que foi possível identificar essa característica, há uma distribuição aproximada das mortes entre pessoas brancas e pretas/pardas: 33,82% das vítimas eram brancas (70 casos), 32,37% eram pretas e pardas (67 casos) e o restante (33,82%) não foi possível identificar (70 casos).

A idade das vítimas varia de 13 a 67 anos. Distribuindo-se os casos por decênio, percebe-se que a maioria das mortes ocorreu com pessoas adultas jovens que possuíam entre 21 e 30 anos: 55 casos, que se referem a 26,57% do total. As demais faixas etárias das vítimas correspondem às seguintes proporções: 11,11% de 11 a 20 anos (23 mortes); 15,94% de 31 a 40 anos (33 mortes); 13,04% de 41 a 50 anos (27 mortes); 6,28% de 51 a 60 anos (13 mortes); e 4,35% acima de 60 anos (nove mortes). Não foi possível identificar a idade de 47 casos registrados, o que corresponde a 22,71% do total.

A tipificação das mortes identificadas aponta para uma maioria expressiva de casos de homicídio, que correspondem a 82,61% do total (171 mortes), enquanto o restante das mortes decorreu de suicídios (8,70% - 18 casos), latrocínios (7,73% - 16 casos) e overdose (0,97% - 2 casos).



O local de ocorrência das mortes evidencia que o espaço privado tem sido mais violento para as pessoas LGBTI+ que o espaço público, tendo em vista que 47,83% do total (99 casos) se deram no espaço privado, enquanto 43,48% (90 casos) ocorreram no espaço público. Essa informação ressalta a insegurança vivida pela população LGBTI+ junto às famílias e locais de moradia, situação que se aprofundou durante a pandemia de COVID-19 devido à necessidade de isolamento social. Não foi possível identificar o local de ocorrência de 18 casos (8,70% do total).

III. Mortes por Unidade da Federação

O Mapa 1 expõe a quantidade de mortes por unidade da federação, entre janeiro e agosto de 2021, de duas formas: i) os dados absolutos estão representados pelos círculos pretos existentes em cada unidade da federação (os 26 estados e o Distrito Federal); e ii) os dados relativos estão retratados pelas diferentes cores do mapa, que evidenciam a quantidade de mortes a cada milhão de habitantes em todas as unidades da federação. Segundo as fontes utilizadas, não houve registro de mortes no Acre e em Roraima.

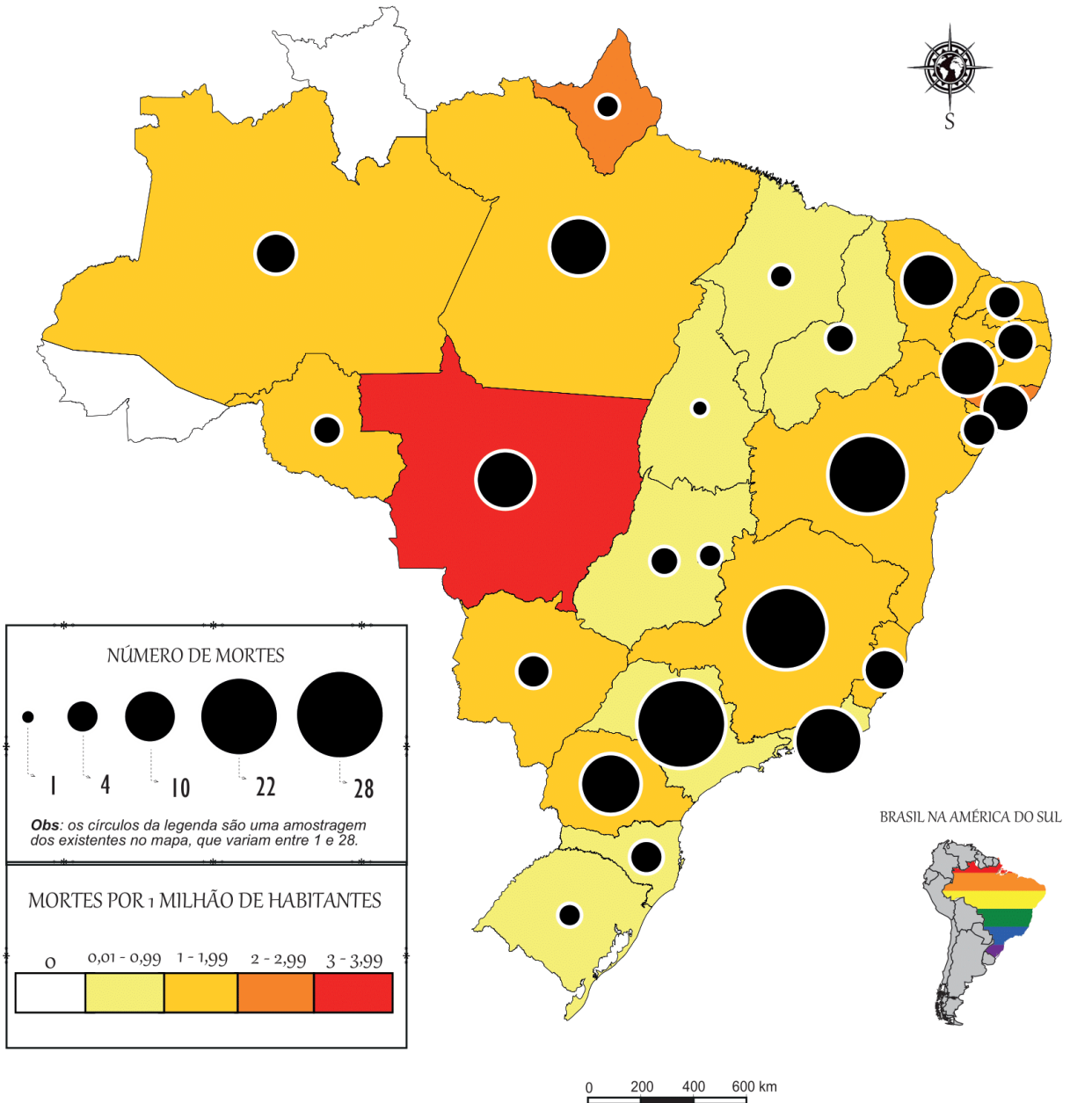
Até agosto de 2021, as unidades da federação que apresentaram maior número de mortes foram São Paulo (28 casos), Minas Gerais (24 casos), Bahia (22 casos) e Rio de Janeiro (16 mortes), justamente os quatro estados mais populosos do Brasil. Na outra ponta, com menor quantidade de mortes, estão o Amapá, o Maranhão e o Rio Grande do Sul, com duas mortes cada, e o Tocantins, com apenas uma morte. Como mencionado acima, Acre e Roraima não apresentaram mortes no período.

Relacionando-se os casos de mortes às populações de cada unidade da federação, os locais mais violentos, ou seja, com os índices mais elevados de mortes a cada um milhão de habitantes, foram Mato Grosso (3,36 mortes por milhão), Alagoas (2,37 mortes por milhão), Amapá (2,27 mortes por milhão) e Sergipe (1,71 morte por milhão). Como estados menos violentos proporcionalmente, além do Acre e de Roraima, que não registraram mortes no período, temos o Rio Grande do Sul (0,17 morte por milhão), Maranhão (0,27 morte por milhão), Goiás (0,41 morte por milhão) e Santa Catarina (0,54 morte por milhão). A Tabela 2 apresenta os números de mortes, absolutos e relativos, de todas as unidades da federação.



BRASIL: mortes de LGBTI+, por unidade da federação, entre janeiro e agosto de 2021

RELATÓRIO PARCIAL



Software de Cartomática: PHILCARTO
Base Cartográfica: IBGE - 2010.
FONTE: ACONTECE LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA, 2021.





Tabela 2 - Brasil: mortes violentas de LGBTI+ por Unidade Federativa, entre janeiro e agosto de 2021

Unidade Federativa	Número de Mortes	Mortes por 1 Milhão de Habitantes
São Paulo	28	0,6
Minas Gerais	24	1,12
Bahia	22	1,46
Rio de Janeiro	16	0,91
Paraná	13	1,12
Mato Grosso	12	3,36
Pará	12	1,36
Pernambuco	11	1,13
Ceará	10	1,08
Alagoas	8	2,37
Espírito Santo	6	1,46
Amazonas	6	1,4
Paraíba	5	1,23
Sergipe	4	1,71
Mato Grosso do Sul	4	1,4
Rio Grande do Norte	4	1,12
Santa Catarina	4	0,54
Rondônia	3	1,65
Piauí	3	0,91
Goiás	3	0,41
Amapá	2	2,27
Distrito Federal	2	0,64
Maranhão	2	0,27
Rio Grande do Sul	2	0,17
Tocantins	1	0,62
Acre	0	0
Roraima	0	0
Total	207	

Fonte: Acontece Arte e Política LGBTI+; Grupo Gay da Bahia;
Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2021.



V. Recomendações

Já não bastasse a problemática da violência, a crise econômica vivida pelo país, somada à taxa de desemprego recorde, também desperta nossa atenção a insegurança alimentar, que já atinge 125 milhões de pessoas no país, principalmente a população LGBTI+, que muitas vezes é preterida no mercado de trabalho. Neste sentido, urge que medidas de proteção sejam adotadas para assegurar uma renda mínima às populações mais vulneráveis.

Insistimos na urgência de ações governamentais com vistas a reverter o gravíssimo quadro atual de violência e discriminação contra LGBTI+ no Brasil, destacando tais prioridades:

- Garantir educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares, a fim de ensinar a jovens e à população em geral sobre o respeito aos direitos humanos e sobre cidadania da população LGBTI+;
- Cumprir rigorosamente os julgamentos e a jurisprudência que garantam a cidadania plena da população LGBTI+, sobretudo no reconhecimento do casamento homoafetivo e na equiparação da homofobia e transfobia ao crime de racismo;
- Oferecer políticas públicas nas áreas de saúde, direitos humanos e educação que contribuam para erradicar as mortes violentas e proporcionem igualdade cidadã à comunidade LGBTI+;
- Exigir que a Polícia e a Justiça investiguem diligentemente e punam com toda a severidade da lei os crimes LGBTIfóbicos;
- Denunciar qualquer ameaça ou violência sofrida por pessoas LGBTI+, o que deve ser feito amplamente pela comunidade LGBTI+.

Florianópolis, 28 de Setembro de 2021.

Acontece Arte e Política LGBTI+
Grupo Gay da Bahia
Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil